

LETRAMENTO

UM TEMA EM TRÊS GÊNEROS



Copyright © 1998 Magda Soares
Copyright © 1998 Autêntica Editora

Todos os direitos reservados pela Autêntica Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

EDITORA RESPONSÁVEL

Rejane Dias

COORDENAÇÃO

CEALE/FAE- UFMG

EDITORA ASSISTENTE

Cecília Martins

REVISÃO

Luiz Prazeres

Rosa Maria Drumond Costa

Ana Carolina Lins Brandão

CAPA

Mirella Spinelli

Rejane Dias

(Sobre o quadro "As Meninas" de Renoir)

DIAGRAMAÇÃO

Clarice Maia Scotti

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro)

Soares, Magda.

Letramento: um tema em três gêneros / Magda Soares. – 3. ed.;
4. reimp. – Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2017.

128p.

ISBN 978-85-86583-16-2

1. Alfabetização. 2. Leitura. 3. Escrita. I. Título.

S6761

CDU-372.4

 GRUPO AUTÊNTICA

Belo Horizonte

Rua Carlos Turner, 420
Silveira . 31140-520
Belo Horizonte . MG
Tel.: (55 31) 3465 4500

Rio de Janeiro

Rua Debret, 23, sala 401
Centro . 20030-080
Rio de Janeiro . RJ
Tel.: (55 21) 3179 1975

São Paulo

Av. Paulista, 2.073,
Conjunto Nacional, Horsa I
23º andar . Conj. 2301 .
Cerqueira César . 01311-940
São Paulo . SP
Tel.: (55 11) 3034 4468

www.grupoautentica.com.br

Sumário

APRESENTAÇÃO	09
Letramento em verbete O QUE É LETRAMENTO?	13
Letramento em texto didático O QUE É LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO	27
Letramento em ensaio LETRAMENTO: COMO DEFINIR, COMO AVALIAR, COMO MEDIR	61

VERBETE

LETRAMENTO EM VERBETE:

O QUE É LETRAMENTO?

*Texto publicado no periódico "Presença Pedagógica", v. 2, n. 10,
jul/ago. 1996, na seção "Dicionário crítico da educação".*

Letramento é palavra recém-chegada ao vocabulário da Educação e das Ciências Linguísticas: é na segunda metade dos anos 80, há cerca de apenas dez anos, portanto, que ela surge no discurso dos especialistas dessas áreas. Uma das primeiras ocorrências está em livro de Mary Kato, de 1986 (*No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*, Editora Ática): a autora, logo no início do livro (p.7), diz acreditar que a língua falada culta “é consequência do *letramento*” (grifo meu).¹ Dois anos mais tarde, em livro de 1988 (*Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso*, Editora Pontes), Leda Verdiani Tfouni, no capítulo introdutório, distingue *alfabetização* de *letramento*: talvez seja esse o momento em que *letramento* ganha estatuto de termo técnico no léxico dos campos da Educação e das Ciências Linguísticas. Desde então, a palavra torna-se cada vez mais frequente no discurso escrito e falado de especialistas, de tal forma que, em 1995, já figura em título de livro organizado por Ângela Kleiman: *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita* (grifo meu, ver referência na nota 1).

¹ Ângela Kleiman levanta a hipótese de que Mary Kato é que terá cunhado o termo *letramento* (ver nota da p.17 em KLEIMAN, A. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995).

O que explica o surgimento recente dessa palavra? Novas palavras são criadas (ou a velhas palavras dá-se um novo sentido) quando emergem novos fatos, novas ideias, novas maneiras de compreender os fenômenos. Que novo fato, ou nova ideia, ou nova maneira de compreender a presença da escrita no mundo social trouxe a necessidade desta nova palavra, **letramento**?

Se a palavra *letramento* ainda causa estranheza a muitos, outras palavras do mesmo campo semântico sempre nos foram familiares: *analfabetismo*, *analfabeto*, *alfabetizar*, *alfabetização*, *alfabetizado* e, mesmo, *letrado* e *iletrado*. **Analfabetismo**, define o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, é o “estado ou condição de analfabeto”, e **analfabeto** é o “que não sabe ler e escrever”, ou seja, é o que vive no estado ou condição de quem não sabe ler e escrever; a ação de **alfabetizar**, isto é, segundo o *Aurélio*, de “ensinar a ler” (e também a *escrever*, que o dicionário curiosamente omite) é designada por **alfabetização**, e **alfabetizado** é “aquele que sabe ler” (e escrever). Já **letrado**, segundo o mesmo dicionário, é aquele “versado em letras, erudito”, e *iletrado* é “aquele que não tem conhecimentos literários” e também o “analfabeto ou quase analfabeto”. O dicionário *Aurélio* não registra a palavra “letramento”. Essa palavra aparece, porém, num dicionário da língua portuguesa editado há mais de um século, o *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, de Caldas Aulete: na sua 3ª edição brasileira,² o verbete

² O *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* de Caldas Aulete teve as suas três primeiras edições em Lisboa (1881, 1925 e 1948); a quarta edição, e primeira brasileira, é de 1958 (a segunda edição brasileira é de 1963 e a terceira, citada no texto, é de 1974). Como o dicionário sofreu numerosas modificações ao longo de suas sucessivas edições, só uma pesquisa nessas edições permitiria determinar se a palavra *letramento* aparece desde a primeira edição, ou se foi introduzida em edição posterior, ou se sofreu mudança em sua acepção ao longo do tempo. Pesquisas dessa natureza em dicionários contribuem sobremaneira para a datação de fatos, ideias e fenômenos e para a identificação do processo de transformação desses fatos, ideias e fenômenos ao longo do tempo.

“letramento” caracteriza a palavra como “ant.”, isto é, “antiga, antiquada”, e lhe atribui o significado de “escrita”; o verbete remete ainda para o verbo “letrar” a que, como transitivo direto, atribui a acepção de “investigar, soletrando” e, como pronominal “letrar-se”, a acepção de “adquirir letras ou conhecimentos literários” – significados bem distantes daquele que hoje se atribui a **letramento** (que, como já dito, não aparece no *Aurélio*, como também nele não aparece o verbo “letrar”).

Certamente, pois, não fomos buscar no “letramento” dicionarizado por Caldas Aulete, e já por ele considerado vocábulo antigo, antiquado, o termo **letramento** com o sentido que hoje lhe damos. Onde fomos buscá-lo? Trata-se, sem dúvida, da versão para o Português da palavra da língua inglesa *literacy*.

Etimologicamente, a palavra *literacy* vem do latim *littera* (letra), com o sufixo *-cy*, que denota qualidade, condição, estado, fato de ser (como, por exemplo, em *innocency*, a qualidade ou condição de ser inocente). No *Webster's Dictionary*, *literacy* tem a acepção de “the condition of being literate”, a condição de ser *literate*,³ e *literate* é definido como “educated; especially able to read and write”, educado, especialmente, capaz de ler e escrever. Ou seja: *literacy* é o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. Implícita nesse conceito está a ideia de que a escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la. Em outras palavras: do ponto de vista individual, o aprender a ler e escrever – *alfabetizar-se*, deixar de ser *analfabeto*, tornar-se

³ Enquanto já incorporamos ao português a palavra *letramento*, correspondente ao inglês *literacy*, ainda não temos palavra correspondente ao inglês *literate*, que designa aquele que vive em estado ou na condição de saber ler e escrever; a palavra *letrado* ainda conserva, em Português, o sentido de “versado em letras, erudito”.

alfabetizado, adquirir a “tecnologia” do ler e escrever e envolver-se nas práticas sociais de leitura e de escrita – tem consequências sobre o indivíduo, e altera seu estado ou condição em aspectos sociais, psíquicos, culturais, políticos, cognitivos, linguísticos e até mesmo econômicos; do ponto de vista social, a introdução da escrita em um grupo até então ágrafo tem sobre esse grupo efeitos de natureza social, cultural, política, econômica, linguística. O “estado” ou a “condição” que o indivíduo ou o grupo social passam a ter, sob o impacto dessas mudanças, é que é designado por *literacy*.⁴

É esse, pois, o sentido que tem **letramento**, palavra que criamos traduzindo “ao pé da letra” o inglês *literacy*: **letra-**, do latim *littera*, e o sufixo **-mento**, que denota o resultado de uma ação (como, por exemplo, em *ferimento*, resultado da ação de *ferir*). **Letramento** é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita.

Dispúnhamos, talvez, de uma palavra mais “vernácula”: **alfabetismo**, que o *Aurélio* (que não dicionariza **letramento**, como já dito) registra, atribuindo a essa palavra, entre outras acepções, a de “estado ou qualidade de alfabetizado”. Entretanto, embora dicionarizada, **alfabetismo** não é palavra corrente, e, talvez por isso, ao buscar uma palavra que designasse aquilo que em inglês já se designava por *literacy*, tenha-se optado por verter a palavra inglesa para o português, criando a nova palavra **letramento**. Curiosamente, em Portugal tem-se preferido o termo *literacia*, mais próximo ainda do termo inglês. Vale a pena citar as palavras de António Nóvoa em prefácio

⁴ Na língua francesa, a palavra correspondente a *illiteracy* é *illettrisme*, que se distingue de *analphabétisme*: *analphabète* é o que não sabe ler e escrever; *illettré* é o que lê e escreve mal, e não sabe fazer uso da leitura e da escrita.

que faz à obra recente de Justino Pereira de Magalhães,⁵ porque elas abonam o uso de *literacia* e ainda afirmam a diferença entre esse termo e o termo *analfabetismo*, esclarecendo o sentido do primeiro: António Nóvoa lamenta que Portugal vá “fechar o século XX com níveis intoleráveis de *analfabetismo* (talvez da ordem dos 15%) e com níveis ainda mais baixos de *literacia*, entendida aqui como a utilização social da competência alfabética” (grifos meus).

É significativo refletir sobre o fato de não ser de uso corrente a palavra **alfabetismo**, “estado ou qualidade de *alfabetizado*”, enquanto seu contrário, **analfabetismo**, “estado ou condição de *analfabeto*”, é termo familiar e de universal compreensão. O que surpreende é que o substantivo que *nega* – *analfabetismo* se forma com o prefixo grego *a(n)* –, que denota negação – seja de uso corrente na língua, enquanto o substantivo que *afirma* – *alfabetismo* – não seja usado. Da mesma forma, *analfabeto*, que *nega*, é também palavra corrente, mas nem mesmo temos um substantivo que *afirme* o seu contrário (já que **alfabetizado** nomeia aquele que apenas aprendeu a ler e a escrever, não aquele que adquiriu o estado ou a condição de quem se apropriou da leitura e da escrita, incorporando as práticas sociais que as demandam). A explicação não é difícil e ajuda a clarear o sentido de **alfabetismo**, ou **letramento**.

Como foi dito inicialmente, novas palavras são criadas, ou a velhas palavras dá-se um novo sentido, quando emergem novos fatos, novas ideias, novas maneiras de compreender os fenômenos. Conhecemos bem, e há muito, o “estado ou condição de *analfabeto*”, que não é apenas o estado ou condição de quem não dispõe da “tecnologia” do ler e do

⁵ *Ler e escrever no mundo rural do Antigo Regime: um contributo para a história da alfabetização e da escolarização em Portugal*. Universidade do Minho, Instituto de Educação, 1994.

escrever: o analfabeto é aquele que não pode exercer em toda a sua plenitude os seus direitos de cidadão, é aquele que a sociedade marginaliza, é aquele que não tem acesso aos bens culturais de sociedades letradas e, mais que isso, grafocêntricas; porque conhecemos bem, e há muito, esse “estado de analfabeto”, sempre nos foi necessária uma palavra para designá-lo, a conhecida e corrente **analfabetismo**. Já o estado ou condição de quem sabe ler e escrever, isto é, o estado ou condição de quem responde adequadamente às intensas demandas sociais pelo uso amplo e diferenciado da leitura e da escrita, esse fenômeno só recentemente se configurou como uma realidade em nosso contexto social. Antes, nosso problema era apenas o do “estado ou condição de analfabeto” – a enorme dimensão desse problema não nos permitia perceber esta outra realidade, o “estado ou condição de quem sabe ler e escrever”, e, por isso, o termo **analfabetismo** nos bastava, o seu oposto – **alfabetismo** ou **letramento** – não nos era necessário. Só recentemente esse oposto tornou-se necessário, porque só recentemente passamos a enfrentar esta nova realidade social em que não basta apenas saber ler e escrever, é preciso também saber fazer uso do ler e do escrever, saber responder às exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente – daí o recente surgimento do termo **letramento** (que, como já foi dito, vem-se tornando de uso corrente, em detrimento do termo **alfabetismo**).⁶ Curiosamente, o mesmo fenômeno ocorreu na língua inglesa, em que *illiteracy* foi termo corrente

⁶ Um claro indicador de que a palavra *letramento* é nova no léxico da Língua Portuguesa e ainda de circulação restrita à área acadêmica é a tradução que se fez recentemente do termo *literacy* na versão para o Português da importante obra *Literacy and Orality*, editada por David R. Olson e Nancy Torrance (*Cultura escrita e oralidade*, Editora Ática, 1995): o termo *literacy*, tanto no título da obra quanto ao longo de todos os capítulos, foi inadequadamente traduzido por “cultura escrita”, ignorando-se o termo *letramento* (ou mesmo *alfabetismo*), e prejudicando-se assim enormemente a correta compreensão dos textos, já que a expressão “cultura escrita” de forma nenhuma expressa o conceito que *literacy* nomeia.

muito antes que o termo *literacy* emergisse: o *Oxford English Dictionary* registra o termo *illiteracy* desde 1660, ao passo que seu contrário *literacy* só surge no fim do século XIX. Certamente o surgimento neste momento do termo *literacy* representa uma mudança histórica das práticas sociais: novas demandas sociais de uso da leitura e da escrita exigiram uma nova palavra para designá-las. (Observe-se que o que ocorreu na Grã-Bretanha em fins do século XIX, motivando o aparecimento do termo *literacy*, só agora, em fins do século XX, vem ocorrendo no Brasil, motivando a criação do termo **letramento**.)

Quanto à mudança na maneira de considerar o significado do acesso à leitura e à escrita em nosso país – da mera aquisição da “tecnologia” do ler e do escrever à inserção nas práticas sociais de leitura e escrita, de que resultou o aparecimento do termo **letramento** ao lado do termo **alfabetização** – um fato que sinaliza bem essa mudança, embora de maneira tímida, é a alteração do critério utilizado pelo Censo para verificar o número de analfabetos e de alfabetizados: durante muito tempo, considerava-se analfabeto o indivíduo incapaz de escrever o próprio nome; nas últimas décadas, é a resposta à pergunta “sabe ler e escrever um bilhete simples?” que define se o indivíduo é analfabeto ou alfabetizado. Ou seja: da verificação de apenas a habilidade de codificar o próprio nome passou-se à verificação da capacidade de usar a leitura e a escrita para uma prática social (ler ou escrever um “bilhete simples”). Embora essa prática seja ainda bastante limitada, já se evidencia a busca de um “estado ou condição de quem sabe ler e escrever”, mais que a verificação da simples presença da habilidade de codificar em língua escrita, isto é, já se evidencia a tentativa de avaliação do nível de **letramento**, e não apenas a avaliação da presença ou ausência da “tecnologia” do ler e escrever.

A avaliação do nível de **letramento**, e não apenas da presença ou não da capacidade de escrever ou ler (o índice de **alfabetização**) é o que se faz em países desenvolvidos, em que a escolaridade básica é *realmente* obrigatória e *realmente* universal, e se presume, pois, que *toda* a população terá adquirido a capacidade de ler e escrever. Assim, de um modo geral, esses países tomam como critério para avaliar o nível de **letramento** da população o número de anos de escolaridade completados pelos indivíduos (4, 5 ou mais, dependendo do país que se esteja considerando e ainda do momento histórico: o número de anos de escolaridade tomado como critério cresce ao longo do tempo, à medida que crescem as demandas sociais de leitura e escrita): o pressuposto é que a escola, em 4, 5 ou mais anos, terá levado os indivíduos não só à aquisição da “tecnologia” do ler e do escrever, mas também aos usos e práticas sociais da leitura e da escrita, a uma adequada imersão no mundo da escrita. O que interessa a esses países é a avaliação do nível de **letramento** da população, não o índice de **alfabetização**, e frequentemente buscam esse nível pela realização de censos por amostragem em que, por meio de numerosas e variadas questões, avaliam o uso que as pessoas fazem da leitura e da escrita, as práticas sociais de leitura e de escrita de que se apropriaram.

Sendo assim, é importante compreender que é a **letramento** que se estão referindo os países desenvolvidos quando denunciam, como têm feito com frequência, índices alarmantes de *illiteracy* (Estados Unidos, Grã-Bretanha, Austrália) ou de *illettrisme* (França) na população; na verdade, não estão denunciando, como se costuma crer no Brasil, um alto número de pessoas que *não sabem ler e escrever* (fenômeno a que nos referimos nós, brasileiros, quando denunciamos o nosso ainda alto índice de *analfabetismo*), mas estão denunciando um alto número

de pessoas que evidenciam *não viver em estado ou condição de quem sabe ler e escrever*, isto é, pessoas que não incorporaram os usos da escrita, não se apropriaram plenamente das práticas sociais de leitura e de escrita: em síntese, não estão se referindo a índices de **alfabetização**, mas a níveis de **letramento**. Um exemplo é a pesquisa desenvolvida na segunda metade dos anos 80 nos Estados Unidos, buscando identificar o nível de *letramento* (*literacy*) de jovens americanos (faixa etária de 21 a 25 anos): em primeiro lugar, os instrumentos utilizados avaliaram as habilidades de ler, compreender e usar textos em prosa, como editoriais, reportagens, poemas, etc. e de localizar e usar informações extraídas de mapas, tabelas, quadros de horários, etc., o que evidencia que o objetivo não foi verificar se os jovens sabiam ler e escrever – se eram *alfabetizados* – mas se sabiam fazer uso de diferentes tipos de material escrito, compreendê-los, interpretá-los e extrair deles informações – que nível de *letramento* tinham; em segundo lugar, a conclusão da pesquisa foi que a *illiteracy* (a incapacidade de ler e escrever, isto é, o *analfabetismo*) não era um problema entre os jovens, a *literacy* (a capacidade de fazer uso da escrita, isto é, o *letramento*) é que constituía o problema.

A diferença entre **alfabetização** e **letramento** fica clara também na área das pesquisas em Educação, em História, em Sociologia, em Antropologia. As pesquisas que se voltam para o estudo do número de alfabetizados e analfabetos e sua distribuição (por região, por sexo, por idade, por época, por etnia, por nível socioeconômico, entre outras variáveis), ou que se voltam para o número de crianças que a escola consegue levar à aprendizagem da leitura e da escrita, na série inicial, são pesquisas sobre **alfabetização**; as pesquisas que buscam identificar os usos e práticas sociais de leitura e escrita em

determinado grupo social (por exemplo, em comunidades de nível socioeconômico desfavorecido, ou entre crianças, ou entre adolescentes), ou buscam recuperar, com base em documentos e outras fontes, as práticas de leitura e escrita no passado (em diferentes épocas, em diferentes regiões, em diferentes grupos sociais) são pesquisas sobre **letramento**.

Uma última inferência que se pode tirar do conceito de **letramento** é que um indivíduo pode não saber ler e escrever, isto é, ser **analfabeto**, mas ser, de certa forma, **letrado** (atribuindo a este adjetivo sentido vinculado a *letramento*). Assim, um adulto pode ser analfabeto, porque marginalizado social e economicamente, mas, se vive em um meio em que a leitura e a escrita têm presença forte, se se interessa em *ouvir* a leitura de jornais feita por um alfabetizado, se recebe cartas que outros leem para ele, se *dita* cartas para que um alfabetizado as escreva (e é significativo que, em geral, dita usando vocabulário e estruturas próprios da língua escrita), se pede a alguém que lhe leia avisos ou indicações afixados em algum lugar, esse analfabeto é, de certa forma, **letrado**, porque faz uso da escrita, envolve-se em práticas sociais de leitura e de escrita. Da mesma forma, a criança que ainda não se alfabetizou, mas já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhe são lidas, está rodeada de material escrito e percebe seu uso e função, essa criança é ainda "analfabeta", porque não aprendeu a ler e a escrever, mas já penetrou no mundo do **letramento**, já é, de certa forma, **letrada**. Esses exemplos evidenciam a existência deste fenômeno a que temos chamado **letramento** e sua diferença deste outro fenômeno a que chamamos *alfabetização*, e apontam a importância e necessidade de se partir,

nos processos educativos de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita voltados seja para crianças, seja para adultos, de uma clara concepção desses fenômenos e de suas diferenças e relações.

ORIENTAÇÃO
COMPLEMENTAMENTO EM
TEXTO DIDÁTICO:

O COMPLEMENTAMENTO
EM TEXTO DIDÁTICO

TEXTO DIDÁTICO

LETRAMENTO EM TEXTO DIDÁTICO:

○ QUE É LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO

Texto produzido por solicitação do Centro de Aperfeiçoamento de Profissionais de Ensino - CAPE - da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte, para ser utilizado como material didático em seminários de atualização de professores.

Neste texto, vamos discutir conceitos e, portanto, palavras, ou, se quiserem, vamos discutir palavras e, portanto, conceitos: os conceitos *alfabetização* e *letramento*, as palavras *alfabetização* e *letramento*.

Em um primeiro momento, gostaria de fazer um “passeio” pelo campo semântico em que se inserem essas palavras, esses conceitos. São palavras de uso comum, conhecidas, exceto talvez *letramento*, palavra ainda desconhecida ou mal entendida, ou ainda não plenamente compreendida pela maioria das pessoas, porque é palavra que entrou na nossa língua há muito pouco tempo.

ALFABETIZAÇÃO

ALFABETIZAR	ALFABETIZADO
ANALFABETISMO	ANALFABETO

LETRAMENTO

LETRAMENTO	ILETRADO
ALFABETISMO	

Não precisamos definir essas palavras, porque estamos familiarizados com elas, talvez com exceção apenas da palavra *letramento*. Mas vou me deter nelas para conduzir nossa reflexão em direção ao sentido de *letramento*.

Vejamos as definições que aparecem no dicionário Aurélio:

ANALFABETISMO: *estado ou condição de analfabeto*

a(n) + alfabet + ismo



a-: prefixo grego
(acrescenta-se um **-n-**
quando a palavra a que
é adicionado começa
com vogal)
indica:
privação, falta de
Exemplos:
acéfalo:
sem cabeça, sem cérebro
amoral:
privado de moral

-ismo: sufixo
indica:
*modo de proceder,
de pensar*
Exemplos:
heroísmo:
procedimento de herói
servilismo:
procedimento servil

ANALFABETO: *que não conhece o alfabeto,
que não sabe ler e escrever*

a(n) + alfabeto

Nas palavras *analfabetismo* e *analfabeto* aparece o prefixo **a(n)-**:

Analfabeto é aquele que é privado do alfabeto, a que falta o alfabeto, ou seja, aquele que não conhece o alfabeto, que não sabe ler e escrever.

(Ao pé da letra, significa aquele que não sabe nem o *alfa*, nem o *beta* – *alfa* e *beta* são as primeiras letras do alfabeto grego; em outras palavras: aquele que não sabe o *bê-a-bá*.)

Em *analfabetismo*, aparece ainda o sufixo **-ismo**: a palavra significa um *modo de proceder como analfabeto*, ou seja: *analfabetismo* é um *estado*, uma *condição*, o modo de proceder daquele que é analfabeto.

ALFABETIZAR: ensinar a ler e a escrever

alfabet + izar



-izar: sufixo
indica:
tornar, fazer com que
Exemplos:
suavizar: tornar suave
industrializar:
tornar industrial

Alfabetizar é tornar o indivíduo capaz de ler e escrever.

ALFABETIZAÇÃO: ação de alfabetizar

Alfabet + iza(r) + ção



-ção: sufixo que forma
substantivos
indica: *ação*
Exemplos:
traição: ação de trair
nomeação:
ação de nomear

Alfabetização é a ação de alfabetizar, de tornar “alfabeto”.

Causa estranheza o uso dessa palavra “alfabeto”, na expressão “tornar alfabeto”. É que dispomos da palavra *analfabeto*, mas não temos o contrário dela: temos a palavra negativa, mas não temos a palavra positiva.

É no campo semântico dessas palavras que conhecemos bem – *analfabetismo, analfabeto, alfabetização, alfabetizar* – que surge a palavra *letramento*. Como surgiu essa palavra e o que ela quer dizer?

LETRAMENTO?

Conhecemos as palavras *letrado* e *iletrado*:

LETRADO: versado em letras, erudito

ILETRADO: que não tem conhecimentos literários

uma pessoa letrada = uma pessoa erudita, versada em letras (letras significando literatura, línguas);

uma pessoa iletrada = uma pessoa que não tem conhecimentos literários, que não é erudita; analfabeta, ou quase analfabeta.

O sentido que temos atribuído aos adjetivos *letrado* e *iletrado* não está relacionado com o sentido da palavra *letramento*.

A palavra *letramento* ainda não está dicionarizada, porque foi introduzida muito recentemente na língua portuguesa, tanto que quase podemos datar com precisão sua entrada na nossa língua, identificar quando e onde essa palavra foi usada pela primeira vez.

Parece que a palavra *letramento* apareceu pela primeira vez no livro de Mary Kato: *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*, de 1986. [Consulte o rodapé, se quiser a referência completa.]¹ Na página 7, a autora diz o seguinte:

Acredito ainda que a chamada norma-padrão, ou língua falada culta, é consequência do *letramento*, motivo por que, indiretamente, é função da escola desenvolver no aluno o domínio da linguagem falada institucionalmente aceita. (grifo meu)

¹ KATO, Mary A. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. São Paulo: Ática, 1986. (Série Fundamentos)

A palavra *letramento* não é, como se vê, definida pela autora e, depois dessa referência, é usada várias vezes no livro; foi, provavelmente, essa a primeira vez que a palavra *letramento* apareceu na língua portuguesa – 1986.

LEIA SE QUISER:

É interessante verificar que a palavra *letramento* aparece há um século atrás, no dicionário Caldas Aulete, já ali indicada como palavra *antiga* ou *antiquada*, palavra fora de uso, e com um sentido que não é o que a palavra *letramento* tem hoje; segundo o Dicionário Caldas Aulete, *letramento* significava o mesmo que escrita, substantivo do verbo *letrar*, que significava o que hoje chamamos de *soletrar*. Estamos, pois, diante do caso de uma palavra que “morreu” e “ressuscitou” em 1986... É este um belíssimo exemplo de como a língua é algo realmente vivo, de como as palavras vão morrendo e nascendo conforme fenômenos sociais e culturais vão ocorrendo.

Depois da referência de Mary Kato, em 1986, a palavra *letramento* aparece em 1988, no livro que, pode-se dizer, lançou a palavra no mundo da educação, dedica páginas à definição de *letramento* e busca distinguir *letramento* de *alfabetização*: é o livro *Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso*, de Leda Verdiani Tfouni, um estudo sobre o modo de falar e de pensar de adultos analfabetos. [Consulte o rodapé, se quiser a referência completa.]²

Mais recentemente, a palavra tornou-se bastante corrente, aparecendo até mesmo em título de livros, por exemplo: *Os significados do letramento*, coletânea de textos organizada por Ângela Kleiman, livro de 1995; *Alfabetização e letramento*, da mesma Leda Verdiani Tfouni, anteriormente mencionada, livro também de 1995. [Consulte o rodapé, se quiser as referências completas.]³

² TFOUNI, Leda Verdiani. *Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso*. São Paulo: Pontes, 1988. (Coleção Linguagem/Perspectivas).

³ KLEIMAN, Ângela B. (org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

TFOUNI, Leda Verdiani. *Alfabetização e letramento*. São Paulo: Cortez, 1995. (Coleção Questões de nossa época).

Na busca de esclarecer o que seja *letramento*, talvez seja interessante refletirmos sobre o seguinte: vivemos séculos sem precisar da palavra *letramento*; a partir dos anos 80, começamos a precisar dessa palavra, inventamos essa palavra – por quê, para quê?

Por que aparecem palavras novas na língua?

Resposta

Na língua sempre aparecem palavras novas quando fenômenos novos ocorrem, quando uma nova idéia, um novo fato, um novo objeto surgem, são inventados, e então é necessário ter um nome para aquilo, porque o ser humano não sabe viver sem nomear as coisas: enquanto nós não as nomeamos, as coisas parecem não existir.

Um exemplo

Hoje em dia se usa com muita frequência a palavra *globalização*, abrimos o jornal e lá está a palavra *globalização*; poucos anos atrás, ninguém usava essa palavra, não no sentido com que a estamos usando atualmente. Por que surgiu a palavra *globalização*? Porque surgiu um fenômeno novo na economia mundial e foi preciso dar um nome a esse fenômeno novo – surge assim a palavra nova.

VEJA OUTROS EXEMPLOS, SE QUISER:

Um exemplo mais familiar de surgimento de uma nova palavra é o caso da palavra *televisão*, que foi introduzida na língua nos anos 50, época em que apareceu esse novo meio de comunicação e foi preciso dar um nome a ele.

Outros exemplos são as palavras ligadas ao uso do computador: há uma série de palavras que estão

entrando na língua, por exemplo, *micreiro*, que designa a pessoa usuária do microcomputador, *internauta*, ou seja, a pessoa que “navega” na Internet, e ainda a introdução, no nosso vocabulário cotidiano, de palavras da área da informática, como *acessar*, significando estabelecer contato, e *deletar*, que vem substituindo a palavra apagar.

Portanto: o termo *letramento* surgiu porque apareceu um fato novo para o qual precisávamos de um nome, um fenômeno que não existia antes, ou, se existia, não nos

dávamos conta dele e, como não nos dávamos conta dele, não tínhamos um nome para ele.

Três perguntas precisam agora ser respondidas:

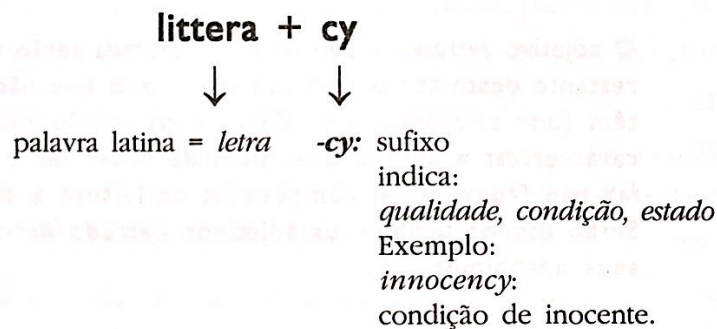
<p>Qual é o significado dessa palavra <i>letramento</i>?</p>	<p>Por que surgiu essa nova palavra, <i>letramento</i>?</p>	<p>Onde fomos buscar essa nova palavra, <i>letramento</i>?</p>
--	---	--

Começemos por responder à última pergunta.

ONDE FOMOS BUSCAR A PALAVRA *LETRAMENTO*?

Na verdade, a palavra *letramento* é uma tradução para o português da palavra inglesa *literacy*; os dicionários definem assim essa palavra:

LITERACY: the condition of being literate



Traduzindo a definição acima, *literacy* é “a condição de ser letrado” – dando à palavra “letrado” sentido diferente daquele que vem tendo em português. [Recorra à página 32, se precisar recordar qual é esse sentido.] Em inglês, o sentido de *literate* é:

LITERATE: educated; especially able to read and write

educado; especificamente, que tem a habilidade de ler e escrever

Literate é, pois, o adjetivo que caracteriza a pessoa que domina a leitura e a escrita, e *literacy* designa o estado ou condição daquele que é *literate*, daquele que não só sabe ler e escrever, mas também faz uso competente e frequente da leitura e da escrita.

Há, assim, uma diferença entre saber ler e escrever, ser *alfabetizado*, e viver na condição ou estado de quem sabe ler e escrever, ser *letrado* (atribuindo a essa palavra o sentido que tem *literate* em inglês). Ou seja: a pessoa que aprende a ler e a escrever – que se torna *alfabetizada* – e que passa a fazer uso da leitura e da escrita, a envolver-se nas práticas sociais de leitura e de escrita – que se torna *letrada* – é diferente de uma pessoa que não sabe ler e escrever – é *analfabeta* – ou, sabendo ler e escrever, não faz uso da leitura e da escrita – é *alfabetizada*, mas não é *letrada*, não vive no estado ou condição de quem sabe ler e escrever e pratica a leitura e a escrita.

O adjetivo *letrado*, e seu feminino *letrada* serão usados no restante deste texto com um significado que não é o que têm (por enquanto) nos dicionários: serão usados para caracterizar a pessoa que, além de saber ler e escrever, faz uso frequente e competente da leitura e da escrita. Serão usados também os adjetivos *iletrado/iletrada* como seus antônimos.

Estado ou condição: essas palavras são importantes para que se compreendam as diferenças entre *analfabeto*, *alfabetizado* e *letrado*; o pressuposto é que quem aprende a ler e a escrever e passa a usar a leitura e a escrita, a envolver-se em práticas de leitura e de escrita, torna-se uma pessoa diferente, adquire um outro estado, uma outra condição.

Socialmente e culturalmente, a pessoa letrada já não é a mesma que era quando analfabeta ou iletrada, ela passa a ter uma outra condição social e cultural – não se trata propriamente de mudar de nível ou de classe social, cultural, mas de mudar seu *lugar* social, seu *modo de viver* na sociedade, sua inserção na cultura – sua relação com os outros, com o contexto, com os bens culturais torna-se diferente.

Há a hipótese de que tornar-se letrado é também tornar-se cognitivamente diferente: a pessoa passa a ter uma forma de pensar diferente da forma de pensar de uma pessoa analfabeta ou iletrada.

SE DESEJAR LER PESQUISAS QUE EXPLORAM ESSA HIPÓTESE:

O livro de Leda Verdiani Tfouni já citado, <i>Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso</i> relata pesquisa baseada nessa hipótese; uma pesquisa clássica nessa área é a do psicólogo russo	Luria, relatada no livro desse autor traduzido para o português como <i>Desenvolvimento cognitivo: seus fundamentos culturais e sociais</i> , São Paulo: Ícone, 1990.
---	---

Tornar-se letrado traz, também, consequências linguísticas: alguns estudos têm mostrado que o letrado fala de forma diferente do iletrado e do analfabeto; por exemplo: pesquisas que caracterizaram a língua oral de adultos antes de serem alfabetizados e a compararam com a língua oral que usavam depois de alfabetizados concluíram que, após aprender a ler e a escrever, esses adultos passaram a falar de forma diferente, evidenciando que o convívio com a língua escrita teve como consequências mudanças no uso da língua oral, nas estruturas linguísticas e no vocabulário.

SE QUISER LER UM POUCO MAIS SOBRE ISSO:

Mary Kato, no livro já citado, <i>No mundo da escrita</i> , trata dessa questão no capítulo 1: leia, particularmente, a intro-	dução do capítulo, páginas 10 a 12, e o item “A fala pré-letramento e pós-letramento”, páginas 22-23.
--	---

Enfim: a hipótese é que aprender a ler e a escrever e além disso, fazer uso da leitura e da escrita transformam o indivíduo, levam o indivíduo a um outro estado de condição sob vários aspectos: social, cultural, cognitivo, linguístico, entre outros.

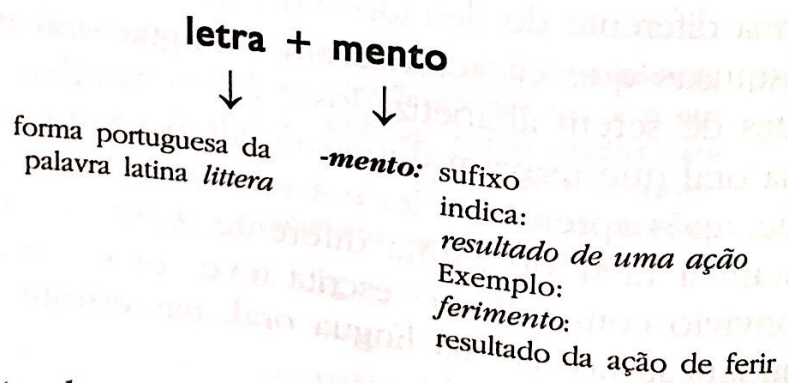
Tentamos responder, até aqui, a uma das três perguntas da página 35:

RESPONDIDA?		
Qual é o significado dessa palavra <i>letramento</i>?	Por que surgiu essa nova palavra, <i>letramento</i>?	Onde fomos buscar essa nova palavra, <i>letramento</i>?

Busquemos, agora, a resposta à primeira pergunta.

FINALMENTE, UMA DEFINIÇÃO DE LETRAMENTO

Chegamos finalmente à palavra e ao conceito *letramento*:



Portanto: *letramento* é o resultado da ação de “letrar-se”, se dermos ao verbo “letrar-se” o sentido de “tornar-se letrado”.

LETRAMENTO

Resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita

O estado ou condição que adquire

**um grupo social
ou um indivíduo**

como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais

Observação importante: *ter-se apropriado da escrita* é diferente de *ter aprendido a ler e a escrever*: *aprender a ler e escrever* significa adquirir uma tecnologia, a de codificar em língua escrita e de decodificar a língua escrita; *apropriar-se da escrita* é tornar a escrita “própria”, ou seja, é assumi-la como sua “propriedade”.

O EXEMPLO ABAIXO PODE TORNAR MAIS CLARA ESSA DIFERENÇA; LEIA-O, SE JULGAR NECESSÁRIO.

<p>Grupos indígenas são sociedades ágrafas, isto é, sociedades sem escrita [observe, na palavra <i>ágrafa</i>, a presença do prefixo grego a-, já discutido: <i>a-grafa</i> = sem grafia, sem escrita].</p> <p>Alfabetizar índios significa dar a eles acesso à tecnologia de leitura e de escrita, o que os tornará <i>alfabetizados</i>, mas não <i>letrados</i>. Introduzir no grupo práticas</p>	<p>sociais de leitura e de escrita (a leitura de livros, a escrita de cartas, o registro por escrito de sua cultura, a troca documentada em recibos, a sinalização de habitações, caminhos e locais com palavras e frases, etc.) significa mudar seu estado ou condição: ele passa a ser um grupo diferente nos aspectos cultural, social, político, linguístico, psíquico.</p>
--	---

Retomemos a grande diferença entre *alfabetização* e *letramento*, entre *alfabetizado* e *letrado* [se necessário, reveja as pp.36, 38]: um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele

indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não somente aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita.

LETRAMENTO DEFINIDO NUM POEMA

Uma estudante norte-americana, de origem asiática, Kate M. Chong, ao escrever sua história pessoal de letramento, define-o em um poema; a tradução do poema, com as necessárias adaptações, é a seguinte [para a referência do livro em que o poema foi publicado, na língua original, veja o rodapé].⁴

⁴ McLAUGHLIN, M. & VOGT, M.E. *Portfolios in Teacher Education*. Newark, De: International Reading Association, 1996.

○ QUE É LETRAMENTO?

*Letramento não é um gancho
em que se pendura cada som enunciado,
não é treinamento repetitivo
de uma habilidade,
nem um martelo
quebrando blocos de gramática.*

*Letramento é diversão
é leitura à luz de vela
ou lá fora, à luz do sol.*

*São notícias sobre o presidente,
o tempo, os artistas da TV
e mesmo Mônica e Cebolinha
nos jornais de domingo.*

*É uma receita de biscoito,
uma lista de compras, recados colados na geladeira,
um bilhete de amor,
telegramas de parabéns e cartas
de velhos amigos.*

*É viajar para países desconhecidos,
sem deixar sua cama,
é rir e chorar
com personagens, heróis e grandes amigos.*

*É um atlas do mundo,
sinais de trânsito, caças ao tesouro,
manuais, instruções, guias,
e orientações em bulas de remédios,
para que você não fique perdido.*

*Letramento é, sobretudo,
um mapa do coração do homem,
um mapa de quem você é,
e de tudo que você pode ser.*

Se você deseja uma explicação do poema, leia esta página e a página seguinte; se julga desnecessária essa explicação, passe logo à página 44.

O QUE É LETRAMENTO?

Letramento não é um gancho
em que se pendura cada som enunciado,
não é treinamento repetitivo
de uma habilidade,
nem um martelo
quebrando blocos de gramática.

Letramento é diversão,
É leitura à luz de vela
Ou lá fora, à luz do sol.

São notícias sobre o presidente,
o tempo, os artistas da TV,
e mesmo Mônica e Cebolinha
nos jornais de domingo.

Letramento não é alfabetização: esta é que é um processo de “pendurar” sons em letras (“ganchos”); costuma ser um processo de treino, para que se estabeleçam as relações entre fonemas e grafemas, um processo de desmonte de estruturas linguísticas (“um martelo quebrando blocos de gramática”).

Letramento é prazer, é lazer, é ler em diferentes lugares e sob diferentes condições, não só na escola, em exercícios de aprendizagem.

Letramento é informar-se através da leitura, é buscar notícias e lazer nos jornais, é interagir com a imprensa diária, fazer uso dela, selecionando o que desperta interesse, divertindo-se com as tiras de quadrinhos.

É uma receita de biscoito,
 uma lista de compras, recados colados na
 geladeira,
 um bilhete de amor,
 telegramas de parabéns e cartas
 de velhos amigos.

Letramento é usar a leitura para seguir instruções (a receita de biscoito), para apoio à memória (a lista daquilo que devo comprar), para a comunicação com quem está distante ou ausente (o recado, o bilhete, o telegrama).

É viajar para países desconhecidos,
 sem deixar sua cama,
 é rir e chorar
 com personagens, heróis e grandes amigos.

Letramento é ler histórias que nos levam a lugares desconhecidos, sem que, para isso, seja necessário sair da cama onde estamos com o livro nas mãos, é emocionar-se com as histórias lidas, e fazer, dos personagens, amigos.

É um atlas do mundo,
 sinais de trânsito, caças ao tesouro,
 manuais, instruções, guias,
 e orientações em bulas de remédios,
 para que você não fique perdido.

Letramento é usar a escrita para se orientar no mundo (o atlas), nas ruas (os sinais de trânsito), para receber instruções (para encontrar um tesouro... para montar um aparelho... para tomar um remédio), enfim, é usar a escrita para não ficar perdido.

Letramento é, sobretudo,
 um mapa do coração do homem,
 um mapa de quem você é,
 e de tudo que você pode ser.

Letramento é descobrir a si mesmo pela leitura e pela escrita, é entender-se, lendo ou escrevendo (delinear o mapa de quem você é), e é descobrir alternativas e possibilidades, descobrir o que você pode ser.

O poema mostra que letramento é muito mais que alfabetização. Ele expressa muito bem como o letramento é um *estado*, uma *condição*: o estado ou condição de quem interage com diferentes portadores de leitura e de escrita, com diferentes gêneros e tipos de leitura e de escrita, com as diferentes funções que a leitura e a escrita desempenham na nossa vida. Enfim: letramento é o estado ou condição de quem se envolve nas numerosas e variadas práticas sociais de leitura e de escrita.

LEIA SE QUISER:

Há uma palavra que talvez seria mais adequada para designar esse *estado* ou *condição* que estamos denominando *letramento*: a

palavra *alfabetismo*. Ao contrário de *letramento*, é uma palavra dicionarizada, com a seguinte definição no Dicionário Aurélio:

Alfabetismo = estado ou qualidade de alfabetizado

De uma forma sintética, é o mesmo sentido de *letramento*. *Alfabetismo* teria a vantagem de apresentar-se como o antônimo de *analfabetismo* que, como vimos (página 30), é o “estado ou condição de analfabeto”. Mas é a palavra *letramento* que se vem impondo, na área dos estudos sobre a leitura e a escrita.

Uma curiosidade: em Portugal, tem-se usado a palavra *literacia*, não se conhece a palavra *letramento* – *literacia* é uma transposição muito mais próxima da palavra *literacy*, do inglês. [Se quiser um exemplo do uso da palavra *literacia* na literatura educacional portuguesa, leia o rodapé.]⁵

Tentamos responder, até agora, a duas das três perguntas da página 35:

⁵ Antônio Nóvoa, um conhecido autor português de obras na área da Educação, afirma, ao prefaciar uma obra recente (*Ler e escrever no mundo rural do Antigo Regime: um contributo para a história da alfabetização e da escolarização em Portugal*, de Justino Pereira de Magalhães, 1994):

“Portugal vai fechar o século XX com níveis intoleráveis de *analfabetismo* (talvez da ordem dos 15%) e com níveis ainda mais baixos de *literacia*, entendida aqui como a utilização social da competência alfabética.” (grifos meus). A citação faz mais que comprovar o uso da palavra *literacia* em Portugal: se pensarmos na situação brasileira, concluiremos que também nós fecharemos o século XX na mesma situação – com níveis intoleráveis de *analfabetismo* e níveis baixíssimos de letramento, ou *literacia*, ou *alfabetismo*.

RESPONDIDA?

Qual é o significado dessa palavra *letramento*?

Por que surgiu essa nova palavra, *letramento*?

RESPONDIDA?

Onde fomos buscar essa nova palavra, *letramento*?

Qual é a resposta para a última pergunta?

POR QUE SURTIU A PALAVRA LETRAMENTO?

A palavra *analfabetismo* nos é familiar, usamos essa palavra há séculos, ela já está presente em textos do tempo em que éramos Colônia de Portugal. É um fenômeno interessante: usamos, há séculos, o substantivo que nega (recorde a análise da palavra *analfabetismo* na página 30: a(n) + alfabetismo = privação de alfabetismo), e não sentíamos necessidade do substantivo que afirmasse: *alfabetismo* ou *letramento*. Por que só agora, no fim do século XX, a palavra *letramento* tornou-se necessária?

Como já foi dito anteriormente [recorde o item “Por que aparecem palavras novas na língua?” Página 34], palavras novas aparecem quando novas ideias ou novos fenômenos surgem. Convivemos com o fato de existirem pessoas que não sabem ler e escrever, pessoas *analfabetas*, desde o Brasil Colônia, e ao longo dos séculos temos enfrentado o problema de alfabetizar, de ensinar as pessoas a ler e escrever; portanto: o fenômeno do *estado ou condição de analfabeto* nós o tínhamos (e ainda temos...), e por isso sempre tivemos um nome para ele: *analfabetismo*.

À medida que o *analfabetismo* vai sendo superado, que um número cada vez maior de pessoas aprende a ler e a escrever, e à medida que, concomitantemente, a sociedade vai se tornando cada vez mais centrada na escrita (cada vez mais *grafocêntrica*), um novo fenômeno se evidencia: não basta apenas aprender a ler e a escrever. As pessoas se alfabetizam, aprendem a ler e a escrever, mas não necessariamente incorporam a prática da leitura e da escrita, não

necessariamente adquirem competência para usar a leitura e a escrita, para envolver-se com as práticas sociais de escrita: não lêem livros, jornais, revistas, não sabem redigir um ofício, um requerimento, uma declaração, não sabem preencher um formulário, sentem dificuldade para escrever um simples telegrama, uma carta, não conseguem encontrar informações num catálogo telefônico, num contrato de trabalho, numa conta de luz, numa bula de remédio... Esse novo fenômeno só ganha visibilidade depois que é minimamente resolvido o problema do analfabetismo e que o desenvolvimento social, cultural, econômico e político traz novas, intensas e variadas práticas de leitura e de escrita, fazendo emergirem novas necessidades, além de novas alternativas de lazer. Aflorando o novo fenômeno, foi preciso dar um nome a ele: quando uma nova palavra surge na língua, é que um novo fenômeno surgiu e teve de ser nomeado. Por isso, e para nomear esse novo fenômeno, surgiu a palavra *letramento*.

LEIA SE QUISER:

Também na língua inglesa, a palavra que nega – *illiteracy* – foi usada muito antes que a que afirma – *literacy*: desde o século XVII os dicionários de língua inglesa registram a palavra *illiteracy*, enquanto só no final do século XIX passam a registrar *literacy*. Isso quer dizer que o fenômeno que se evidenciou entre nós neste fim do século XX, exigindo a palavra *letramento*, já se evidenciara nos Estados Unidos e na Inglaterra no final do século XIX... estamos atrasados em “apenas” um século...

Estarão agora respondidas as três perguntas da página 35?

RESPONDIDA?

Qual é o significado dessa palavra *letramento*?

RESPONDIDA?

Por que surgiu essa nova palavra, *letramento*?

RESPONDIDA?

Onde fomos buscar essa nova palavra, *letramento*?

Compreendido o que é *letramento*, por que surgiu a palavra *letramento*, qual a origem da palavra *letramento*, pode-se voltar à diferença entre *letramento* e *alfabetização*:

ALFABETIZAÇÃO: ação de ensinar/aprender a ler e a escrever

LETRAMENTO: estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita

cultiva = dedica-se a atividades de leitura e escrita
exerce = responde às demandas sociais de leitura e escrita

Precisaríamos de um verbo “letrar” para nomear a ação de levar os indivíduos ao letramento... Assim, teríamos *alfabetizar* e *letrar* como duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria *alfabetizar letrando*, ou seja: ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, *alfabetizado e letrado*.

LEIA, SE QUISER APROFUNDAR-SE NAS DIFERENÇAS ENTRE “ALFABETIZADO” E “LETRADO”:

Um adulto pode ser *analfabeto e letrado*: não sabe ler nem escrever, mas usa a escrita: pede a alguém que escreva por ele, dita uma carta, por exemplo (e é interessante que, quando dita, usa as convenções e estruturas linguísticas próprias da língua escrita, evidenciando que conhece as peculiaridades da língua escrita) – não sabe escrever, mas conhece as funções da escrita, e usa-as, lançando mão de um “instrumento” que é o alfabetizado (que funciona como uma máquina de escrever...); pede a alguém que leia para ele a carta que recebeu, ou uma notícia de jornal, ou uma placa na rua, ou a indicação do roteiro de um ônibus – não sabe ler, mas conhece as funções da escrita, e usa-a, lançando mão do alfabetizado. É *analfabeto*, mas é, de certa forma, *letrado*, ou tem um certo nível de letramento. Uma criança pode ainda *não ser alfabetizada*, mas *ser letrada*: uma criança que vive num contexto de letramento, que convive com livros, que ouve histórias lidas por adultos, que vê adultos lendo e escrevendo, cultiva e exerce práticas de leitura e de escrita: toma um livro e finge que está lendo (e aqui de novo é interessante observar que, quando finge ler, usa as convenções e estruturas linguísticas próprias da narrativa escrita), toma papel e lápis e “escreve” uma carta, uma história. Ainda não aprendeu a ler e escrever, mas é, de certa forma, *letrada*, tem já um certo nível de letramento. Uma pessoa pode *ser alfabetizada e não ser letrada*: sabe ler e escrever, mas não cultiva nem exerce práticas de leitura e de escrita, não lê livros, jornais, revistas, ou não é capaz de interpretar um texto lido: tem dificuldades para escrever uma carta, até um telegrama – é alfabetizada, mas não é *letrada*.

Alfabetizado e/ou letrado – uma nova pergunta se impõe:

Como diferenciar o apenas alfabetizado do letrado?

É difícil a resposta a essa pergunta, porque *letramento* envolve dois fenômenos bastante diferentes, a leitura e a escrita, cada um deles muito complexo, pois constituído de uma multiplicidade de habilidades, comportamentos, conhecimentos:

Ler

É um conjunto de habilidades e comportamentos que se estendem desde simplesmente decodificar sílabas ou palavras até ler *Grande Sertão Veredas* de Guimarães Rosa... uma pessoa pode ser capaz de ler um bilhete, ou uma história em quadrinhos, e não ser capaz de ler um romance, um editorial de jornal... Assim: ler é um conjunto de habilidades, comportamentos, conhecimentos que compõem um longo e complexo *continuum*: em que ponto desse *continuum* uma pessoa deve estar, para ser considerada alfabetizada, no que se refere à leitura? A partir de que ponto desse *continuum* uma pessoa pode ser considerada letrada, no que se refere à leitura?

Escrever

É também um conjunto de habilidades e comportamentos que se estendem desde simplesmente escrever o próprio nome até escrever uma tese de doutorado... uma pessoa

pode ser capaz de escrever um bilhete, uma carta, mas não ser capaz de escrever uma argumentação defendendo um ponto de vista, escrever um ensaio sobre determinado assunto... Assim: escrever é também um conjunto de habilidades, comportamentos, conhecimentos que compõem um longo e complexo *continuum*: em que ponto desse *continuum* uma pessoa deve estar, para ser considerada alfabetizada, no que se refere à escrita? A partir de que ponto desse *continuum* uma pessoa pode ser considerada letrada, no que se refere à escrita?

Conclui-se que há diferentes tipos e níveis de letramento, dependendo das necessidades, das demandas do indivíduo e de seu meio, do contexto social e cultural.

LETRAMENTO É UMA PALAVRA PLURAL? LEIA SE QUISER:

Na literatura educacional e linguística em língua inglesa, a palavra <i>literacy</i> vem sendo frequentemente usada no plural – <i>literacies</i> ,	o que evidencia o reconhecimento de que há diferentes tipos e níveis de <i>literacy</i> . Deveríamos talvez usar <i>letramento</i> no plural – <i>letramentos</i> ?
---	---

**analfabeto e alfabetizado, alfabetizado e letrado:
conceitos imprecisos**

Eleições de 1996. O jornal *Folha de São Paulo*, em 19 de julho de 1996, publica a seguinte notícia:

BAURU

Candidaturas são impugnadas após teste de alfabetização

da Agência Folha, em Bauru

O juiz eleitoral de Itapetininga Jairo Sampaio Incane Filho, 38, impugnou 20 dos 80 candidatos a prefeito e vereador das cidades de Itapetininga, Sarapuê e Alambari, na região de Sorocaba (87 km a oeste de São Paulo).

A impugnação foi motivada pelo fato de os candidatos terem sido reprovados em um teste de alfabetização realizado pelo juiz, no Fórum de Itapetininga.

Incane Filho disse que fez o texto com base na exigência con-

tida na Lei Complementar nº 64/90, de 1992, do TRE (Tribunal Regional Eleitoral), que proíbe analfabetos de serem candidatos a cargos eletivos.

O juiz afirmou que convocou os 80 candidatos que disseram ter 1º grau incompleto e mostraram dificuldades no preenchimento dos documentos para o registro de suas candidaturas.

Os testes com os candidatos foram feitos individualmente. Seus nomes são mantidos em sigilo. "Pedi a todos que lessem e interpretassem um texto de um

jornal infantil. Em seguida, que cada um redigisse um texto expondo sua lógica", disse Incane Filho. Segundo Incane Filho, gramaticais não foram levados em conta. "Apenas observei se o candidato tem condições de entender um texto, pois um candidato eleito, ele vai ter de trabalhar com leis e documentos."

A assessoria de imprensa do TRE informou que o juiz transmitiu uma recomendação aos juízes para que "em caso de dúvida", façam "um teste de alfabetização" nos candidatos

Baseado numa lei que “proíbe *analfabetos* de serem candidatos a cargos eletivos”, o juiz submeteu candidatos a prefeito e a vereador a “um teste de *alfabetização*”.

Que razões levaram o juiz a supor que 80 candidatos eram *analfabetos*?

Duas razões:

- 1ª) tinham 1º grau incompleto;
- 2ª) mostraram dificuldades no preenchimento dos documentos para o registro de suas candidaturas.

Portanto: para o juiz, um *alfabetizado* seria alguém que tivesse o 1º grau completo e preenchesse formulários sem dificuldades.

No entanto, o juiz admitiu que, embora não tendo o 1º grau completo e revelando dificuldades para preencher documentos de registro de candidatura, o candidato a prefeito ou vereador poderia ser considerado *alfabetizado*:

Segundo o juiz, que comportamentos o candidato deveria demonstrar, para não ser considerado *analfabeto*?

O candidato deveria:

- Ler e interpretar um texto;
- redigir um texto sobre o texto lido.

O juiz definiu ainda o nível do texto que o candidato deveria ser capaz de interpretar e o critério de correção das respostas do candidato:

Segundo o juiz, o candidato deveria ser capaz de ler e interpretar que tipo de texto?

- texto de um jornal infantil.

Segundo o juiz, com que critérios os resultados do candidato deveriam ser avaliados?

- não levar em conta erros gramaticais;
- verificar se o candidato tinha entendido o texto.

O juiz admitiu, pois, que um candidato a prefeito ou a vereador poderia não ter o 1º grau completo, podendo enfrentar dificuldades para preencher documentos, mas deveria ser capaz de ler e interpretar um texto de jornal infantil, e de redigir um texto sobre o que leu, mesmo cometendo erros gramaticais; e justificou esses critérios:

Por que o juiz considerou que ser capaz de entender um texto era o critério adequado para avaliar se o candidato a prefeito ou vereador poderia ser considerado alfabetizado?

- Porque, se eleito, ele teria que trabalhar com leis e documentos (que deveria saber ler e interpretar).

O juiz mostrou ter dois conceitos de alfabetização: um *conceito genérico*, aplicável a qualquer pessoa – ter o 1º grau completo e ser capaz de preencher documentos, sem dificuldades; um *conceito específico*, aplicável a pessoas que exercem a função de prefeito ou vereador – ser capaz de ler e interpretar textos legais e documentos oficiais.

TALVEZ VOCÊ QUEIRA REFLETIR UM POUCO MAIS SOBRE ESSE EPISÓDIO:

- A alfabetização que o juiz considera necessária a prefeitos e vereadores estará sendo avaliada num teste que mede a capacidade de ler e interpretar um texto de *jornal infantil*?
- Fica claro que, para o juiz, as práticas sociais que envolvem a língua escrita necessárias a prefeitos e vereadores são as de leitura de textos legais e documentos oficiais – é esta uma concepção adequada?
- Será que se pode concordar que o nível de alfabetização de um indivíduo deve ser definido pelas exigências das práticas sociais específicas que ele precisa ter com a escrita, segundo sua inserção no mundo do trabalho?
- Pense: o juiz procura avaliar o nível de alfabetização ou o nível de letramento dos candidatos?

Mas continuemos, porque o episódio não termina aí. Cerca de vinte dias depois, em 7 de agosto, o mesmo jornal *Folha de São Paulo* publica a seguinte notícia:

ALFABETIZAÇÃO

TRE aprova candidatura de reprovados em teste

da Reportagem Local

O plenário do Tribunal Regional Eleitoral aprovou ontem a candidatura de 30 políticos que foram reprovados em um teste de alfabetização aplicado pelo juiz eleitoral de Itapetininga, Jairo Sampaio Incane Filho, 38.

O juiz havia impugnado as candidaturas de políticos das cidades de Itapetininga, Sarapuá e Alambari, todas na região de Sorocaba (87 km a oeste de São Paulo). Eles tiveram que ler o texto de um suplemento infantil de um jornal e escrever algo sobre o que leram.

Incane Filho convocou para esse teste 80 candidatos que afirmaram não ter o primeiro grau completo. Os testes se basearam na lei complementar nº 64/90, de 1992, que proíbe analfabetos de serem candidatos a cargos eletivos.

O TRE reformou a sentença do juiz, considerando que os candidatos tinham "rudimentos" da alfabetização e que, portanto, não poderiam ser considerados analfabetos. Para chegar a essa conclusão, os juizes utilizaram a definição do dicionário Aurélio para a palavra "analfabeto".

O TRE deverá julgar hoje outros onze recursos apresentados pelos candidatos impugnados daquelas cidades. A aplicação de testes de alfabetização é uma orientação do próprio TRE a todos os juizes eleitorais do Estado.

Entre os candidatos impugnados pelo juiz Incane Filho, havia um ex-prefeito e seis vereadores. José Luiz Holtz (PSDB), ex-prefeito de Sarapuá, considerou a decisão do juiz de Itapetininga "um absurdo". Seu candidato a vice também foi impugnado.

Segundo o juiz Incane Filho, o teste que aplicou não levou em consideração os erros gramaticais, mas apenas a capacidade dos candidatos de entender um texto.

"Depois de eleitos, eles terão de trabalhar com leis e documentos", afirmou o juiz.

O Tribunal Regional Eleitoral – TRE – foi contrário ao conceito de alfabetização do juiz, considerando que os candidatos reprovados não eram analfabetos porque tinham “rudimentos da alfabetização”:

Qual o critério do TRE para considerar que os candidatos não eram analfabetos?

A definição do dicionário Aurélio para a palavra “analfabeto”.

Recorde a definição de *analfabeto* do dicionário Aurélio (página 30):

ANALFABETO: que não conhece o alfabeto,
que não sabe ler e escrever

Portanto: o TRE considerou que os candidatos sabiam ler e escrever (já que tinham alguma ou algumas séries do 1º grau e, embora com dificuldades, enfrentaram os documentos de registro da candidatura) e, assim, não eram analfabetos.

O juiz eleitoral e o TRE mostraram ter conceitos diferentes de *alfabetização*: o juiz eleitoral avaliava antes o *letramento* que a *alfabetização* dos candidatos – embora desconhecesse o conceito de *letramento*, preocupava-se com as práticas sociais de leitura e escrita que eles deveriam ter; o TRE avaliou apenas a *alfabetização* dos candidatos, porque se satisfez com os “rudimentos” de leitura e escrita que tinham, desconsiderando seu nível de *letramento*, pois não considerou suas habilidades de usar a leitura e a escrita.

Esse episódio evidencia:

- a imprecisão do conceito de *alfabetização* – pessoas ou grupos têm conceitos diferentes, o conceito varia de acordo com a situação, com o contexto;
- o fenômeno do *letramento* ainda é pouco percebido em nossa sociedade.

**Analfabeto-alfabetizado, letrado-iletrado:
variações segundo as condições sociais e históricas**

Um bom exemplo da variação do conceito de *alfabetização* ao longo do tempo e da dependência entre o fenômeno do *letramento* e as condições culturais e sociais é a comparação entre os critérios que foram no passado utilizados e os que hoje são utilizados para definir quem é analfabeto ou quem é alfabetizado nos recenseamentos da população brasileira.

Até a década de 40, o formulário do Censo definia o indivíduo como analfabeto ou alfabetizado perguntando-lhe se sabia assinar o nome: as condições culturais, sociais e políticas do país, até então, não exigiam muito mais que isso de grande parte da população. As pessoas aprendiam a desenhar o nome, apenas para poder votar ou assinar um contrato de trabalho.

A partir dos anos 40, o formulário do Censo passou a usar uma outra pergunta: *sabe ler e escrever um bilhete simples?* Apesar da impropriedade da pergunta [se quiser saber por quê, leia o quadro a seguir], ela já expressa um critério para definir quem é alfabetizado ou analfabeto que avança em relação ao critério de apenas saber escrever o nome: definir como analfabeto aquele que não sabe *ler e escrever um bilhete simples* indica já uma preocupação com os usos sociais da escrita, aproxima-se, pois, do conceito de *letramento*, e revela uma outra expectativa com relação ao *alfabetizado* – uma expectativa de que seja também *letrado*.

A IMPROPRIEDADE DA PERGUNTA DO CENSO – LEIA SE QUISER:

Refleta sobre as seguintes questões:

- Quais podem ser as atitudes dos indivíduos diante da pergunta “Você sabe ler e escrever um bilhete simples?” A pessoa pode dizer que sim, por envergonhar-se de dizer que não; ou pode dizer que não, por temer que lhe apresentem um “bilhete simples” e lhe peçam para lê-lo... Pode-se confiar nas respostas a essa pergunta?
- Um outro problema: em cada domicílio, um indivíduo responde por todos que ali habitam, ou seja, um indivíduo avalia a habilidade de todos os outros de “ler e escrever um bilhete simples”; pode-se confiar nessa avaliação?
- Ainda um terceiro problema: o que é “um bilhete simples”? é um bilhete com poucas palavras? com apenas duas ou três linhas? com apenas orações simples, ou coordenadas, sem subordinadas? com apenas palavras de uso comum?
- Mais um problema: saber “ler e escrever um bilhete simples” é ser apenas *alfabetizado*? ou é já ter um certo nível de *letramento*?
- Finalmente: nas atuais condições da sociedade brasileira, basta saber “ler e escrever um bilhete simples” para ser considerado alfabetizado? ou para ser considerado *letrado*?

Conclua: que interpretação pode-se dar aos índices de analfabetismo da população brasileira definidos pelo Censo?

A mudança de critério para a avaliação dos índices de analfabetismo no Brasil revela mudanças históricas, sociais, culturais. A comparação dos critérios utilizados aqui com os utilizados em países do Primeiro Mundo pode ser esclarecedora.

ANALFABETISMO NO PRIMEIRO MUNDO?

É surpreendente quando os jornais noticiam a preocupação com altos níveis de “analfabetismo” em países como os Estados Unidos, a França, a Inglaterra; surpreendente porque: como podem ter altos níveis de analfabetismo países em que a escolaridade básica é *realmente* obrigatória e, portanto, praticamente *toda* a população conclui o ensino fundamental (que, nos países citados, tem duração maior que a do nosso ensino fundamental – 10 anos

nos Estados Unidos e na França, 11 anos na Inglaterra). É que, quando a nossa mídia traduz para o português a preocupação desses países, traduz *illiteracy* (inglês) e *illettrisme* (francês) por *analfabetismo*. Na verdade, não existe *analfabetismo* nesses países, isto é, o número de pessoas que não sabem ler ou escrever aproxima-se de zero; a preocupação, pois, não é com os níveis de *analfabetismo*, mas com os níveis de *letramento*, com a dificuldade que adultos e jovens revelam para fazer uso adequado da leitura e da escrita: sabem ler e escrever, mas enfrentam dificuldades para escrever um ofício, preencher um formulário, registrar a candidatura a um emprego – os níveis de *letramento* é que são baixos.

QUER SABER COMO SE AVALIA O NÍVEL DE LETRAMENTO DA POPULAÇÃO?

Na segunda metade dos anos 80, realizou-se, nos Estados Unidos, uma pesquisa para definir o nível de *literacy* de jovens adultos americanos; o instrumento por meio do qual esse nível foi avaliado evidencia o que se considera ser, nesse país, *literate* ou *illiterate*: o teste incluiu questões para avaliar a capacidade de interpretar e usar informações de vários tipos de texto – editorial de jornal, notícias, poemas – e questões para avaliar a habilidade de extrair corretamente informações de quadros de horário, de mapas, de tabelas. Obviamente, não se avaliava o nível de alfabetização dos jovens e adultos...

No Brasil, há já algumas poucas pesquisas que procuram avaliar o nível de *letramento* de jovens e adultos; a tendência tem sido considerar como *alfabetizado* (o termo mais adequado seria *letrado*) o indivíduo que tenha pelo menos completado a 4ª série do ensino fundamental, com base no pressuposto de que são necessários no mínimo quatro anos de escolaridade para a apropriação da leitura e da escrita e de seus usos sociais. Quando se calcula o analfabetismo no Brasil com base nesse critério, o índice cresce assustadoramente...

CONDIÇÕES PARA O LETRAMENTO

Termos despertado para o fenômeno do *letramento* – estarmos incorporando essa palavra ao nosso vocabulário educacional – significa que já compreendemos que nosso problema não é apenas ensinar a ler e a escrever, mas é, também, e sobretudo, levar os indivíduos – crianças e adultos – a fazer uso da leitura e da escrita, envolver-se em práticas sociais de leitura e de escrita.

No entanto, infere-se, de tudo que foi dito, que o nível de *letramento* de grupos sociais relaciona-se fundamentalmente com as suas condições sociais, culturais e econômicas. É preciso que haja, pois, ***condições para o letramento***.

Uma primeira condição é que haja escolarização real e efetiva da população – só nos damos conta da necessidade de *letramento* quando o acesso à escolaridade se ampliou e tivemos mais pessoas sabendo ler e escrever, passando a aspirar a um pouco mais do que simplesmente aprender a ler e a escrever.

Uma segunda condição é que haja disponibilidade de material de leitura. O que ocorre nos países do Terceiro Mundo é que se alfabetizam crianças e adultos, mas não lhes são dadas as condições para ler e escrever: não há material impresso posto à disposição, não há livrarias, o preço dos livros e até dos jornais e revistas é inacessível, há um número muito pequeno de bibliotecas. Como é possível tornar-se *letrado* em tais condições? Isso explica o fracasso das campanhas de alfabetização em nosso país: contentam-se em ensinar a ler e escrever; deveriam, em seguida, criar condições para que os alfabetizados passassem a ficar imersos em um ambiente de *letramento*, para que pudessem entrar no mundo *letrado*, ou seja, num mundo em que as pessoas têm acesso à leitura e à escrita, têm acesso aos livros, revistas e jornais, têm acesso às livrarias e

bibliotecas, vivem em tais condições sociais que a leitura e a escrita têm uma função para elas e tornam-se uma necessidade e uma forma de lazer.

ES DOIS EXEMPLOS – LEIA-OS SE QUISER COMPROVAÇÃO DESSAS AFIRMAÇÕES:

Lembre-se do Mobral: pesquisas mostraram que pessoas alfabetizadas por esse movimento estavam, um ano depois, “desalfabetizadas”: tinham aprendido a ler e a escrever, mas, por impossibilidade de uso da leitura e da escrita, por ausência, em seu meio, de demandas de leitura e escrita, por falta de acesso a material impresso, tinham perdido a habilidade de ler e escrever. Tinham sido alfabetizadas, mas não lhes foi possibilitado tornarem-se letradas.

O contrário aconteceu, por exemplo, em Cuba: quando houve ali a revolução e independência, no início dos anos 60, fez-se no país uma campanha de alfabetização intensa, que realmente alfabetizou toda a população em pouco tempo; mas não se fez só isso, produziram-se materiais de leitura que eram levados aos mais longínquos rincões do país, qualquer pequena povoação recebia livros para dar continuidade à campanha de alfabetização. O povo cubano tornou-se *alfabetizado e letrado*.

LETRAMENTO E ESCOLA, LETRAMENTO E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

- Quais as consequências de tudo isso para a escola?
- Para a educação de jovens e adultos?
- O que significa alfabetizar?
- O que significa “letrar”?
- Quais as diferenças entre alfabetizar e “letrar”?
- Como alfabetizar “letrando”?
- Quando se pode dizer que uma criança ou um adulto estão *alfabetizados*? Quando se pode dizer que estão *letrados*?
- Quais são as condições para que o aprender a ler e a escrever seja algo que realmente tenha sentido, uso e função para as pessoas?

É sempre bom terminar com perguntas e não com respostas; diz o grande escritor português Saramago:

*“Tudo no mundo está dando respostas,
o que demora é o tempo das perguntas.”*

Aí estão as perguntas; busquemos as respostas.